

O Silêncio de Abraão: Os Rumores da Fé

José Elias do Nascimento

Universidade Federal do Ceará (UFC)

“Abraão cala-se... porque não pode falar...”¹

Resumo:

O silêncio na obra *Temor e Tremor* do Kierkegaard aparece como pedra fundamental na observação do paradoxo entre vivência da fé de um particular diante da eticidade do universal. Levando em conta que o ser ético exige um silêncio estético quando este é vivido para o bem da comunidade, vê-se que esse não é o caso de Abraão e que ele não está vivendo um silêncio estético, visto que age no particular. Todavia, o seu silêncio carrega toda a eloquência de um cavaleiro da fé em um campo de batalha e seus rumores alardeiam o som de um ruidoso incômodo experimentado por todos aqueles que se aventuram na experiência da fé.

Palavras-chave: Silêncio. Temor e Tremor. Kierkegaard. Abraão.

Introdução:

Em um mundo marcado pelo barulho de todas as fontes e formas, onde se torna quase inviável a existência de um ambiente propício para o estudo, para a reflexão e até mesmo para a vivência da interioridade em uma perspectiva de vivência ritual da fé, o estudo da obra *Temor e Tremor* de Kierkegaard é ainda oportuno para oferecer-nos uma reflexão acerca do silêncio. Este por sua vez é fruto de uma acurada reflexão diante da dura realidade de não poder explicar o todo da existência diante do abismo de uma fé que lhe exige a inteireza de seu ser.

A obra de Kierkegaard aqui em questão apresenta-nos de forma extensa a história do sacrifício de Abraão, personagem do livro do Gênesis que ficou conhecido na história como o pai da fé. Na narrativa bíblica conta-se que Abraão fora solicitado por Deus para oferecer o seu único filho, Isaac, em sacrifício, e é aqui que se constata a realidade paradoxal na qual ele está posto, pois deve ofertar o filho que tanto ama e não pode falar sobre isso com ninguém e mesmo que falasse nenhum vivente poderia entendê-lo.

1. O Silêncio da Incompreensão:

Abraão não somente deu o que tinha de melhor para Deus: existe algo muito maior nesse processo, isto é, existe a angústia. O que acontece nessa história é que podemos vê-la sob duas perspectivas: pela ética e pela religião. Segundo a ética, Abraão quer matar (e por isso é assassino); já para a religião ele faz um sacrifício (e por isso é um homem de

¹ Kierkegaard (1979, p.179)

fé). A angústia reside exatamente aí, isto é, em ver, pela perspectiva religiosa, que o que faz Abraão é um sacrifício. Além disso, a fé torna esse ato ainda mais difícil. Com efeito, o sacrifício de Abraão não é apenas um mero sacrifício. Para nosso autor, falar de Abraão implica necessariamente uma atitude de coragem, visto que não é possível aos fracos imitá-lo. Kierkegaard (1979, p.126-127) ironiza a filosofia sistemática que se achava tão difícil e profunda, afirmando que difícil mesmo é seguir o caminho de Abraão:

Entretanto encontra o amor seus sacerdotes entre os poetas e, por vezes, ouve-se uma voz que o sabe cantar; mas a fé não tem quem a cante; quem fala em louvor desta paixão? A filosofia aponta mais longe. A teologia, cheia de ademanes, assoma à janela e, mendigando os favores da filosofia, oferece-lhe os seus encantos. Compreender Hegel deve ser muito difícil, mas a Abraão, que bagatela! Pela minha parte já despendi bastante tempo para aprofundar o sistema hegeliano e de nenhum modo julgo tê-lo compreendido; tenho mesmo a ingenuidade de supor que apesar de todos os meus esforços, se não chego a dominar o seu pensamento é porque ele mesmo não chega, por inteiro, a ser claro. Sigo todo este estudo sem dificuldade, muito naturalmente, e a cabeça não se ressentiu por isso. Mas quando me ponho a refletir sobre Abraão, sinto-me como que aniquilado. Caio a cada instante no paradoxo inaudito que é a substância da sua vida; a cada momento me sinto rechaçado, e, apesar do seu apaixonado furor, o pensamento não consegue penetrar este paradoxo nem pela espessura dum cabelo. Para obter uma saída reteso todos os músculos: instantaneamente sinto-me paralisado.

O próprio Silêncio confessa que lhe falta a coragem da fé. Ele diz que poderia ir até Moriá como herói trágico, mas nunca como um cavaleiro da fé, tal como Abraão. O cavaleiro da fé relaciona-se sempre de modo absoluto com o absoluto, não usando de nenhuma mediação, e é precisamente nisso que se constitui o paradoxo da fé. Ele não renuncia à sua individualidade para se expressar no geral, antes se relaciona interiormente consigo mesmo. Nesse seu próprio interior se encontra com o absoluto. Ele, o cavaleiro da fé, não tem descanso, mas antes se renova constantemente. Enquanto o herói trágico necessita de aplausos e brados, o cavaleiro da fé pede silêncio. Diante do paradoxo da fé não há outra atitude senão o silêncio. Abraão chega na hora correta em Moriá, nem cedo e nem tarde. Ele crê que não precisará sacrificar Isaque, mas, se Deus assim quiser, ele sacrificará. Abraão crê no absurdo, ou seja, ele crê que Deus vai desistir do que havia lhe pedido. Nesse sentido, Abraão não é um bem-aventurado no céu, mas, ele é um bem-aventurado na terra, visto que ele cria no absurdo, que tudo pode. O caminho para Moriá é de fundamental importância na história de Abraão. Esse caminho é um verdadeiro salto, pois nele também ocorre a prova. Nosso autor pergunta se Abraão não poderia ter feito o sacrifício em sua casa. Por que Deus lhe exigia esse caminho e esses dias de percurso? Qual o sentido dessa reflexão? Não basta amar a Deus, é preciso amá-lo com fé: "... porque amar a Deus sem fé é refletir-se sobre si mesmo, mas amar a Deus com fé é refletir-se no próprio Deus. " (KIERKEGAARD, 1979, p.129). Entender a história de Abraão não é apenas ir até o fim e poder explicá-la: é impossível entender a fé lendo a sua história, tal como aponta Kierkegaard (1979, p.129):

Não consigo compreender Abraão; em certo sentido tudo quanto aprender dele deixa-me estupefato. Ilude-se aquele que imagina chegar à fé considerando a sua história até o fim; em tal caso, ao pretender extrair do paradoxo uma regra de vida, e pondo de parte o primeiro movimento da fé, engana Deus. Pode bem ser que este ou aquele o consiga; tal sucede porque o nosso tempo não se detém na fé nem no milagre que converte a água em vinho - vai mais longe, pois que converte o vinho em água.

2. O Testemunho de Abraão:

Silentio entende, como primeiro movimento da fé, colocar-se à disposição de Deus e caminhar pelos caminhos que Ele determinar. Contudo, há também um segundo movimento. Ou seja, uma vez que o homem se submete totalmente ao serviço de Deus, ele retorna colhendo os frutos do seu primeiro movimento. Assim ocorreu com Abraão, isto é, ele se submeteu totalmente a Deus e recebeu Isaque pela segunda vez. Aliás, ele recebe não somente Isaque, mas torna-se pai da nação israelita. A fé em Abraão possui um duplo movimento, primeiro para o infinito, que é o movimento até Deus, e depois para o finito, o retorno com seu filho. Na concepção de Temor e tremor é preciso que demos mais tempo para a fé e não que tentemos superá-la. Superar a fé equivale, no entender de Kierkegaard (1979, p.130) a duvidar da origem divina do ser humano:

Não valeria mais dedicar-se à fé e não será mesmo revoltante ver como toda a gente a quer superar? Onde se pensa chegar quando, hoje, proclamando-o de tantas maneiras, se recusa o amor? Sem dúvida ao saber do mundo, ao mesquinho cálculo, à miséria e à baixeza, a tudo enfim que possa fazer-nos duvidar da divina origem do homem.

Um homem pode ter fé, mas jamais poderá fazer isso por outro homem. O cavaleiro da fé, segundo Silentio, um tipo quase extinto, deve ser admirado onde quer que se encontre, pois ele é capaz de fazer movimentos singulares. O cavaleiro da fé faz primeiro o movimento infinito, retornando depois ao finito. Esse movimento vai do terreno para o infinito e depois do eterno para o religioso. A resignação infinita do cavaleiro da fé é o último estágio que precede a fé. É exatamente isso o que Abraão fará com Isaque: ele vai primeiro até Deus, retornando depois ao menino. A fé do cavaleiro da fé se torna ainda mais absurda, pois o que a pratica faz isso consciente do absurdo. Para Silentio, ela não é estética e nem um instinto imediato do coração, mas paradoxo da vida. Visto dessa forma, a resignação equivale à consciência eterna e não a fé. A fé é imprescindível para obter a mínima coisa, mas ela não é indispensável para se resignar. Segundo nosso autor, fé significa recebimento e não renúncia. Ela é diferente da ironia, pois não reflete sobre si mesma: “A ironia e o humor refletem-se sobre si próprios e pertencem, por isso, à esfera da resignação infinita; encontram seus motivos no fato de o indivíduo ser incomensurável com a realidade.” (KIERKEGAARD, 1979, p.139). É certo que para a resignação infinita é necessário coragem, porém, para atingir a fé é preciso mais ainda do que isso. Para Silentio, ou temos de fato a história de Abraão (e o seu desafio) ou ele nos servirá como um mero exemplo sem sentido, como nota Kierkegaard (1979, p.139-140):

Ou nos é necessário eliminar de uma vez a história de Abraão, ou então temos que compreender o espantoso e inaudito paradoxo que dá sentido à sua vida, para que possamos entender que o nosso tempo pode ser feliz como qualquer outro, se possuir a fé. Se Abraão não é um zero, um fantasma, um personagem de opereta, o pecador nunca será culpado de tentar imitá-lo; mas convém reconhecer a grandeza da sua conduta para ajuizar se tem a vocação e a coragem de afrontar uma prova semelhante. A única contradição do pregador consiste em que faz de Abraão um personagem insignificante, ao mesmo tempo que exorta a tomá-lo como exemplo.

Nesta concepção ou redescobrimos a história de Abraão ou não poderemos mais usá-la nas nossas devoções. Se continuarmos a usá-la, teremos que abordar suas angústias e sofrimentos. E ainda mais do que isso, teremos que perceber, através disso tudo, que Abraão continuava crendo. Para Silentio, a viagem de Abraão é maior do que os meros três dias de percurso. Estes três dias de viagem duram mais do que o tempo cronológico que nos separa da história de Abraão. Aliás, nela não se pode usar o tempo no sentido de Cronos, não se deve usá-lo enquanto tempo transcorrido; pois na história de Abraão o tempo se reveste do caráter da eternidade. Segundo a interpretação do nosso autor, o tempo se torna irrelevante e o instante passa a ter uma importância decisiva. Ora, isso é exatamente o oposto da concepção socrática, que julgava que o instante era um nada perdido no tempo. Afinal, o que existe na maiêutica é recordação, enquanto para ele há o instante eterno. O que há de mais decisivo para o homem é o instante eterno. Assim como a tragédia grega, também a história de Abraão não possui um fio condutor racional. Esta história se encaixa bem na ideia de oculto e de reconhecimento que Aristóteles elaborou em sua Poética. Já o drama parece ter se emancipado do destino e colocado muito de consciência na sua representação, porém, na visão de Silentio, oculto e reconhecimento são necessários ao drama moderno, senão cairemos na estetização do nosso tempo. Se na comédia temos um oculto sem sentido, no herói trágico vemos claramente uma relação com a ideia. Nosso autor não vai se interessar aqui pelo oculto do cômico, antes deseja desenvolver o oculto na estética e na ética para, dessa forma, mostrar a absoluta diferença entre o oculto estético e o paradoxo: “Assim, a estética exigia o oculto e recompensava-o; a ética exigia a manifestação e punia o oculto.” (KIERKEGAARD, 1979, p.162) A estética pede o silêncio, a ética pede a manifestação. A ética deve ser clara; vejamos, por exemplo, o caso de um herói trágico. Parece haver um choque do indivíduo com o silêncio do paradoxo (que também é provação): “O silêncio é a armadilha do demônio; quanto mais ele é mantido mais o demônio é terrível; mas o silêncio também é um estádio em que o Indivíduo toma consciência da sua união com a divindade.” (KIERKEGAARD, 1979, p.163) O silêncio deve ser motivado pela relação absoluta com o absoluto e não com o geral. Somente a religião pode salvar a estética em sua luta contra a ética. O indivíduo, que sai do geral por opção, só retorna em relação absoluta com o absoluto. Ética, nessa visão, é equivalente de coletivo. Isso significa soma de indivíduos e, no caso, de indivíduos que pecam. Abraão, embora mortal e falho, não se torna indivíduo pecando, no caso, contra a ética. Abraão é o eleito de Deus. Para Silentio, o demônio socrático, por exemplo, reside fora do geral e o indivíduo está fora do geral por circunstâncias, não por sua culpa. Há um ponto de semelhança entre a eleição de Deus por Abraão e a ordem que Sócrates recebe do oráculo, ainda que Sócrates possua o seu demônio interior. O

indivíduo que, na visão de nosso autor, quer salvar o geral com seu mistério e seu silêncio é um incrédulo (como Fausto de Goethe) ou irônico (como Sócrates). Para Silentio, a ironia é a superioridade do subjetivo sobre o objetivo; esta posição é exatamente oposta ao que acreditava Hegel. Logo, Abraão pode ser admirado, mas não entendido: “Abraão guardou, pois, silêncio; não falou a Sara, a Eliezer, nem a Isaac, desprezou as três instâncias morais porque a ética não tinha, para ele, mais alta expressão que a vida em família.” (KIERKEGAARD, 1979, p. 178) O silêncio de Abraão não é estético, isto é, não é para salvar e sim para sacrificar: “Estamos então em presença do paradoxo. Ou o Indivíduo pode, como tal, estar em relação absoluta com o absoluto, e nesse caso a moralidade não é o supremo estádio, ou então Abraão está perdido; não é um herói nem trágico nem estético.” (KIERKEGAARD, 1979, p.178-179). A tribulação e a angústia fazem com que Abraão se cale. Sempre ocorre isso quando se trata de fé. Falar, para Abraão, equivale, no entender de Kierkegaard (1979, p.179) a uma impossibilidade:

Abraão cala-se ... porque não pode falar; nesta impossibilidade residem a tribulação e a angústia. Porque, se não me posso fazer compreender, não falo, mesmo se discurso noite e dia sem interrupção. Tal é o caso de Abraão; pode dizer tudo, exceto uma coisa, e quando não pode dizê-la de maneira a fazer-se entender, não fala. A palavra, que permite traduzir-me no geral, é um apaziguamento para mim. Abraão pode dizer as coisas mais formosas a respeito de Isaac de que uma língua é capaz. Mas no seu coração guarda uma coisa muito diferente; esse algo mais profundo, que é a vontade de sacrificar o filho porque é uma prova. Não podendo ninguém compreender este último ponto, podem, no entanto, equivocar-se todos quanto ao primeiro.

Percebemos que se Abraão voltasse atrás ele já não seria mais o eleito de Deus. Sua prova é a ética, que se constitui aqui no seu obstáculo. Abraão consegue ter resignação infinita e fazer o movimento da fé e, por isso, alcança consolação. Contudo, embora o silêncio de Abraão seja a tônica do texto de Gênesis 22, ele profere uma única frase: “Deus proverá o cordeiro para o holocausto”. O autor de Temor e tremor analisa essa frase. Primeiramente devemos saber, segundo nosso autor, que nem sempre a palavra é apropriada para o herói trágico. No caso de Sócrates, por exemplo, que é um herói trágico intelectual, a palavra é necessária. Afinal, sua última frase o torna imortal. Além disso, esta frase não é só responsável por sua imortalidade, mas também evoca a ironia socrática. Já no caso do herói trágico vulgar a palavra é imprópria, uma vez que ele só conseguirá tornar-se imortal depois de morrer. Em outros termos, sua palavra será inútil.

O primeiro movimento de Abraão é entregar Isaque. Seu segundo movimento é partir para o absurdo da fé. Sua linguagem torna-se estranha, ela não é nem verdadeira e nem falaciosa, apenas não é entendida. Por isso, para Kierkegaard (1979, p.183) Abraão é sempre mais do que se pensa:

Ainda aqui se vê que Abraão pode ser compreendido, mas somente como se compreende o paradoxo. Sou capaz, pela minha parte, de entender Abraão, vejo porém, ao mesmo tempo, que não possui a coragem de falar, e ainda menos de agir como ele; contudo, de forma alguma quero exprimir, com isto, que a

sua conduta seja medíocre, quando, pelo contrário, é o único prodígio.

Outra das diferenças entre o herói trágico e o cavaleiro da fé é que o primeiro recebe lágrimas e reconhecimento, enquanto o segundo é secreto e silencioso. O paradoxo ocorre conforme a relação do indivíduo com o absoluto: “Portanto, ou se verifica o paradoxo de forma que o Indivíduo se encontra como tal em relação com o absoluto, ou então Abraão está perdido” (KIERKEGAARD, 1979, p.183). A fé também é transmitida de geração para geração. Porém, ela é muito mais do que isso. Ela é a maior das paixões, é, para Kierkegaard (1979, p.184) um recomeço:

Uma geração pode aprender muito de uma outra, mas o que é propriamente humano, nenhuma o aprende da que a precedeu. Deste ponto de vista, cada geração recomeça como se fosse a primeira, nenhuma tem uma tarefa nova além da tarefa da anterior, e não chega mais longe, a menos que haja atraído a sua obra, que se haja enganado a si própria. Aquilo a que chamo propriamente humano é a paixão, através da qual cada geração compreende inteiramente a outra e se compreende a si própria. Assim, no que respeita ao amor, nenhuma geração aprenderá a amar com outra, nenhuma começa senão no princípio, nenhuma geração ulterior tem a tarefa mais breve que a precedente; e se não quer, como as anteriores, contentar-se de amar, e deseja ir mais longe, passou de vãs e censuráveis palavras.

Também não é a fé uma fadiga e nem tão pouco mera continuação. Luta-se para alcançá-la, mas ninguém vai além dela: “A fé é a mais alta paixão de todo homem. Talvez haja muitos homens de cada geração que não a alcancem, mas nenhum vai além dela” (KIERKEGAARD, 1979, p.185). Fé é, nesse sentido, sempre algo novo. Segundo Silentio, que não é rigorosamente um religioso, mas um poeta da estratégia de Kierkegaard, pode até existir vida sem fé. Porém, ela será, inevitavelmente, algo menor: “Mas mesmo para aquele que não chega até a fé, a vida comporta suficientes tarefas, e se as aborda com sincero amor, a sua vida não será perdida, mesmo que não possa ser comparada à existência dos que aprenderam e alcançaram o mais alto” (KIERKEGAARD, 1979, p.185).

Conclusão:

O silêncio é sem dúvida o lugar do confronto pessoal, lugar onde o homem é posto à prova consigo, com sua própria história e com a dos demais. Sobretudo quando se trata da vivência da fé, não só daquela estruturada e objetiva, mas aquela subjetiva e experienciada intimamente por cada indivíduo, onde não conta muito os testemunhos dos antepassados, mas conta a capacidade do desvelamento do hoje diante da finitude da existência e de suas exigências. Onde a fé é necessária e seja uma paixão, embora muitos não a alcancem.

Diante da vivência da fé, embora a mesma possua uma exigência racional, é possível existir momentos, tantos quantos existem nas demais experiências racionais, onde não se é possível falar pelo fato da razão não poder explicar.

Referências

KIERKEGAARD, S.A. *Temor e tremor*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).